

## O sentido da vida

Ricardo Pereira Tassinari

**Como citar:** TASSINARI, Ricardo Pereira. O sentido da vida. *n*: CECON, Kleber; PEREIRA, Reinaldo S; MARQUES, Ubirajara R. de A. (org.).

**Amizade e sabedoria:** Festschrift em homenagem a Antonio Trajano. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2025. p.193-207. DOI:

<https://doi.org/10.36311/2025.978-65-5954-567-4.p193-207>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

# *O sentido da vida*

*Ricardo Pereira TASSINARI*<sup>1</sup>

## *Introdução: Sobre o Sentido da Vida.*

Tem a Vida um Sentido?

Provavelmente muitos de nós, apaixonados pela Filosofia, já nos colocamos essa questão no decorrer da vida. Com certeza, ela é uma questão central da Filosofia, no sentido de que sua resposta condiciona a resposta de diversas outras questões centrais em Filosofia, como às relacionadas à Ética, à Estética, à Teoria do Conhecimento, à Política *etc.*

---

<sup>1</sup> Livre-Docente em Lógica, Teoria do Conhecimento e Filosofia da Ciência. Departamento de Filosofia/ Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC)/Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP)/ Marília/São Paulo/ e-mail: ricardo.tassinari@unesp.br.

Respondê-la, então, não é tarefa fácil. Respondê-la, ainda, com o devido rigor de uma reflexão profunda sobre o que seria a “Vida”, não é possível em tão pouco tempo e em tão poucas páginas. Supondo que o leitor julgue que o autor deste trabalho pode ter algo interessante a dizer sobre o tema, farei aqui um pequeno ensaio, um sobrevoo, por assim dizer, sobre como me coloquei a questão do Sentido da Vida e qual foi, em linhas gerais, a história de sua resposta.

Começemos nossa jornada observando que, certamente, a resposta a essa questão depende do que entendemos pelos termos “Sentido” e “Vida”. Certamente, ainda, uma boa resposta a essa questão envolverá tanto um ponto de vista pessoal (Eu, Ricardo, julgo que a Vida tem Sentido? Se sim, qual?) quanto geral ou universal, isto é, que possa servir a maioria ou a todos; afinal, trata-se da Vida em geral e não, apenas, de uma vida em particular.

Adianto já que minha resposta a essa questão será: Sim, a Vida tem Sentido!

Tratarei, pois, aqui de explicitar em que sentido a Vida tem Sentido.

Ora, esse duplo emprego do termo “sentido” já nos leva a primeira questão a ser tratada aqui: a acepção do termo “sentido”. Trataremos também minimamente da acepção do termo “Vida”.

### *Sobre “Sentido” e “Vida”.*

O termo “sentido” tem, pelo menos, duas acepções que nos interessa aqui. A primeira, que parece ser mais fácil de conceituar, refere-se à noção de finalidade, aquilo ao qual um processo tende. Assim, por exemplo, dizemos que estamos construindo um texto no **sentido** de explicitar nossas reflexões a respeito de algo, ou ainda, que o leitor está lendo um texto no **sentido** de compreender o que o autor pensa a respeito de algo. Perguntar se a Vida tem sentido, nessa acepção, equivale a perguntar se, no tempo, a Vida tem uma finalidade (ou seja, se ela, enquanto processo, tende a algo). Neste caso, trata-se de identificar que algo é esse e como a Vida tende a ele.

Uma outra acepção do termo “sentido” que nos interessa aqui (que está relacionada a primeira e que a completa) é mais difícil de conceituar. Ela está intimamente unida a elementos que se codefinem reciprocamente e que, além disso, referenciam-se a si próprios. Segundo essa acepção, podemos nos perguntar, por exemplo: Qual o **sentido** do termo “sentido”?

Esta pergunta já explicita a circularidade inerente a conceituação desta acepção, bem como, na medida em que a resposta a ela demandará outros termos, coloca a questão da codefinibilidade de termos, pois, também, tratar-se-á de conceituar o **sentido** desses termos.

Para contornar minimamente o complexo problema de se estabelecer essa segunda acepção do termo “sentido”, de tal forma que ela sirva para apresentar uma resposta a questão central proposta e que caiba em um texto como este, de pequena extensão, vamos definir o **sentido** de algo, nessa segunda acepção, como **a relação que esse algo tem com as outras coisas e consigo mesmo**, podendo essa acepção se referir também a compreensão desse algo, na medida em que para compreender (ainda que parcialmente) algo, compreendemos (parte de) a relação dele com outras coisas e, em retorno, consigo mesmo.

É importante notar que quando nos perguntamos pelo sentido da Vida, estamos nos referindo preferencialmente à primeira acepção, isto é, como finalidade, mas não só, pois para estabelecer o **sentido** da própria finalidade, temos que mostrar sua relação com os demais elementos.

Perguntar-se, pois, sobre o Sentido da Vida como unidade dessas duas acepções de “sentido” é se perguntar pelo Motivo da Vida, tanto aqui-lo em direção a que tende o processo Vida quanto o motor desse próprio processo; e tem-se, pois, aqui um sentido muito próximo ao do *télos* aristotélico.

Esclarecidas minimamente (espero) a acepção de “sentido”, precisamos agora tornar clara a acepção do termo “Vida”.

Aqui também nossa tarefa não é fácil, devido a imensa extensão dos elementos necessários para a rigorosa explicitação desse termo.

Entretanto, no mesmo espírito que antes, ou seja, para contornar minimamente o complexo problema de se estabelecer essa acepção, de tal forma que sirva para apresentar uma resposta a questão central proposta e que caiba em um texto de pequena extensão, vamos definir “Vida” como a plenitude de **sentido**, na segunda acepção do termo “sentido”, ou seja, **a plenitude das relações entre todo e qualquer elemento que possa ser considerado**.

Essa definição já mostra o quanto sua real explicitação em termos detalhados é uma tarefa impossível. Contentar-me-ei aqui com uma explicitação geral dessas relações entre alguns dos elementos que, julgo, podem ajudar na solução da questão do Sentido da Vida.

Essa explicitação, como foi comentado na Introdução, terá que ser tanto geral ou universal, quanto pessoal. E, do lado pessoal, houve para mim uma história da explicitação do termo “Vida” (como plenitude das relações entre todo e qualquer elemento que possa ser considerado). Logo, vou contar um pouco da história dessa explicitação, o que também mostrará como foi se delineando para mim uma resposta à questão do Sentido da Vida.

### *Em busca de um sentido para a Vida.*

Ao pensar sobre a proposta do Prof. Ubirajara R. A. Marques de que discutíssemos o Sentido da Vida no *I Simpósio Antônio Trajano*, lembrei-me que, aos 14 anos de idade, já tinha me colocado a questão do Sentido da Vida como um problema filosófico a ser levado a sério e de extrema importância. Essa não foi minha questão metafísica primeira (no tempo); a primeira talvez tenha sido: Por que as coisas são como são? Ou ainda: por que existe alguma coisa? Por que não é apenas nada? Claro que, naquela época, essa primeira questão era somente espanto (o *thaumaston* de que nos fala Aristóteles). Porém, esse não foi o caso em relação à questão do Sentido da Vida para a qual, na época, julguei ter encontrado uma resposta.

Para contar um pouco desse momento, lembro-me de ir para um dos clubes de desporto da cidade de minha infância e adolescência, ruminando aquela questão que me incomodava tanto e não saía de minha mente: parecia não haver solução teórica para ela.

Lá, em certo momento, absorto, contemplando as coisas, veio-me a resposta:

O Sentido da Vida é a própria Vida!

O Sentido da Vida é Viver!

A Vida era um fim em si mesmo! Perguntar pelo Sentido da Vida fora dela, não era possível, não fazia sentido...; e, na participação da Vida, a própria participação nela regula o sentido das coisas, em geral, e da própria Vida, em especial; assim, o Sentido da Vida era Viver!

De certa forma, essa resposta se mantém até hoje, mas o seu sentido para mim (na segunda acepção do termo “sentido”, como a relação que a Vida tem com as outras coisas e consigo mesma), mudaria consideravelmente, como veremos.

Naquela época e mesmo depois, no Bacharelado em Física na UNICAMP, com uma metafísica que buscava a maioria de suas respostas na ciência, pensava, com Nietzsche, no §1 do *Sobre a Verdade e a Mentira no Sentido Extra-Moral*, que não existia para o intelecto

[...] nenhuma missão mais vasta, que [o] conduzisse além da vida humana [; que,] ao contrário, ele é humano, e [que] somente seu possuidor e genitor o toma tão pateticamente como se os gonzos do mundo girassem nele. Mas se pudéssemos entender-nos com as moscas, perceberíamos então que também ela bóia no ar com esse *páthos* e sente em si o centro voante deste mundo (Nietzsche, 1974, p. 53. [Os trechos entre colchetes foram inseridos por mim]).

Em especial, o pensamento de Nietzsche influenciou profundamente, nesta época, minha concepção de “Vida” e de “Sentido da Vida”. O §1067 de *O Eterno Retorno* representava bem para mim, na época, essa concepção, inclusive com certa sistematização da Física (como da Conservação

da Energia, Mecânica Quântica e Cosmologia Relativística). Reproduzo-o então aqui, entremendo, no final de certos trechos, entre colchetes, os elementos que a eles eu correlacionava.

E sabeis sequer o que é para mim o “mundo”? Devo mostrá-lo a vós em meu espelho? Este mundo: uma monstruosidade de força, sem início, sem fim; uma firme, brônzea grandeza de força, que não se torna maior, nem menor, que não se consome, mas apenas se transmuda, inalteravelmente grande em seu todo; uma economia sem despesas e perdas, mas também sem acréscimo, ou rendimentos, cercada de “nada” como de seu limite, nada de evanescente, de desperdiçado [Conservação de Energia]; nada de infinitamente extenso, mas como força determinada posta em um determinado espaço [Cosmologia Relativística], e não em um espaço que em alguma parte estivesse “vazio”, mas antes como força por toda parte; como jogo de forças e ondas de força, ao mesmo tempo um e múltiplo, aqui acumulando-se e ao mesmo tempo ali mingando; um mar de forças tempestuando e ondulando em si próprias, eternamente mudando, eternamente recorrentes [Mecânica Quântica]; com descomunais anos de retorno, com uma vazante e enchente de suas configurações, partindo das mais simples às mais múltiplas, do mais quieto, mais rígido, mais frio, ao mais ardente, mais selvagem, mais contraditório consigo mesmo; e depois outra vez voltando da plenitude ao simples, do jogo de contradições de volta ao prazer da consonância, afirmando ainda a si próprio, nessa igualdade de suas trilhas e anos; abençoando a si próprio como Aquilo que eternamente tem de retornar, como um vir-a-ser que não conhece nenhuma saciedade, nenhum fastio, nenhum cansaço – : esse meu mundo *dionisíaco* do eternamente-criar-a-si-próprio, do eternamente-destruir-a-si-próprio, esse mundo secreto da dupla volúpia, esse meu “para além de bem e mal” [A concepção de um Universo cíclico em Cosmologia Relativística], sem alvo, se na felicidade do círculo não está um alvo, sem vontade, se um anel não tem boa vontade consigo mesmo [Concepção de que o Sentido da Vida é Viver!] –, quereis um *nome* para esse mundo? Uma solução para todos os seus enigmas? Uma *luz* também para vós, vós, os mais escondidos, os mais fortes, os mais intrépidos, os mais da meia-noite? – *Esse mundo é a vontade de potência – e nada além disso!* E também vós próprios sois essa vontade de potência – e nada além disso! (Nietzsche, 1974, p. 405. Os trechos entre colchetes foram inseridos por mim).

Em especial, a parte sobre a “vontade de potência” motivava minhas interpretações ético-políticas da época e indicavam (para mim) uma das principais direções de constituição de uma ciência do homem, uma ciência que verdadeiramente conseguisse, se não prever, pelo menos explicar o conjunto dos comportamentos humanos em suas especificidades e com rigor.

Por outro lado, meu interesse maior sempre foi a questão do Conhecimento (por exemplo, de confiabilidade nas teorias, limites, natureza do conhecimento *etc.*) que permeava e dirigia meus estudos de Física, Matemática, Lógica, Epistemologia e Filosofia da Ciência, em especial, meu Bacharelado em Física e em Matemática (este não concluído) e à minha Iniciação Científica em Lógica, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Itala Maria Loffredo D’Ottaviano.

Este interesse me levou também a estudar Epistemologia Genética, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Zelia Ramozzi-Chiarottino, em meu mestrado no Instituto de Psicologia da USP. E lá eu descobriria que a constituição de uma ciência do homem, calcada em noções semelhantes à de “vontade de potência”, não era tão simples como eu pensava; mais ainda: não era sequer possível... Mas não adiantemos as coisas.

### *Sabemos o que é a Vida? A questão do Conhecimento*

Quando entrei no Mestrado em Psicologia Experimental, pensava em aplicar a Teoria do Caos (da qual fizera vários cursos na época) para explicar o comportamento humano. Estava em busca de modelos, ou ainda, de formas gerais de modelos que permitissem explicar o comportamento humano. Nessa busca, no estudo das várias teorias, uma questão epistemológica se impunha na medida em que meus estudos iam se aprofundando. Era a questão de que a visão dos fatos é **sempre** teórico-carregada, ou seja, que nossos juízos, mesmo os factuais, são sempre condicionados por uma interpretação.

Dois aspectos, então, saltavam-me aos olhos.

Primeiro, eu percebia que as teorias psicológicas mais delineavam uma concepção de homem do que respondiam à questão “O que é o homem?”. Nessa época, eu brincava com tal situação propondo uma possível consulta psicológica:

— Qual o meu problema? (Pergunta o paciente.)

— Depende (responde o psicólogo); segundo Freud é um problema, provavelmente com sua mãe, que ocorreu na sua infância; segundo Jung, essa é uma questão arquetípica; já segundo o Behaviorismo, não é nada disso, é apenas uma questão de reforço de seu comportamento...

— Mas eu não quero saber o que essas pessoas pensavam (objeta o paciente), eu quero saber sobre meu problema...

Buscando então uma visão mais ampla e sistemática que conseguisse explicar o homem, retomei minhas leituras da *Ética* de Espinosa, no sentido de entender melhor as causas do comportamento humano. Em particular, causava-me admiração a sistematicidade do pensamento de Espinosa; pois, um pensamento sistemático tem, entre outras, a vantagem de ser mais estável frente a novidades, já que busca ser uma consideração geral. Por outro lado, essa sistematicidade levava necessariamente a uma noção de Deus Natureza como única substância com dois lados (atributos): a extensão (coisa extensa) e o pensamento (coisa pensante) (cf. Espinosa, 1983, p. 89).

Retornar a ideia de Deus era para mim no mínimo constrangedor, devida a arraigada concepção metafísica constituída anteriormente. Entretanto, uma coisa fazia sentido, o Deus Natureza de Espinosa era onipresente (a Natureza está em todo lugar) e onipotente (a Natureza é toda a potência existente). Ficava em aberto a questão da onisciência e eu me perguntava, qual o sentido de dizer que a Natureza é onisciente? Percebia então que uma resposta honesta a essa questão (ou seja, que não fosse já dada por minhas preconcepções) dependia de se entender bem como nossa própria consciência é constituída, uma das questões centrais da Filosofia que se mantém até os dias de hoje.

Voltando à questão de que todo fato é teórico-carregado, o segundo aspecto que me saltava aos olhos era de que o estudo da Epistemologia Genética de Piaget (em especial, dos experimentos feitos com todo rigor de detalhe e com um profundo espírito crítico frente a seus resultados) me mostrava como aquilo que vivemos depende das noções por nós construídas (em especial das noções de espaço, de causalidade, de conservação dos objetos no espaço, de tempo, de conservação da substância nas suas transformações, de número, da relação parte-todo, etc.). Em especial, pode-se mostrar que uma criança com um mês de idade não concebe e nem percebe os objetos físicos nem as pessoas como tais (ou seja, como objetos físicos ou pessoas).

Isso era especialmente significativo em relação a busca de se estabelecer uma reflexão consistente e geral a respeito do ser humano (em específico) e da Vida (em geral), pois, se lembrarmos que um dia tivemos um mês de idade e de que a Vida é hoje, para nós, uma multidão de coisas, concluímos que essa multidão, ou mesmo a Vida, como nós a entendemos e vivemos, depende das noções por nós construídas.

A passagem abaixo, tirada da análise de experimentos relatados em *O Nascimento da Inteligência na Criança* de Piaget, ilustra essa questão.

O “significado” das percepções objetivas, como a da montanha que vejo da minha janela ou do tinteiro na minha escrivaninha, são os próprios objetos, definíveis não só por um sistema de esquemas sensorio-motores e práticos (fazer uma ascensão, molhar a minha caneta no tinteiro) ou por um sistema de conceitos gerais (um tinteiro é um recipiente... etc.), mas também por suas características individuais: posição no espaço, dimensões, solidez e resistência, cor sob diferentes iluminações etc. Ora, estas últimas características, embora sejam percebidas no próprio objeto, supõem uma elaboração intelectual extremamente complexa: para atribuir, por exemplo, dimensões reais às pequenas manchas que percebo como sendo uma montanha ou um tinteiro, tenho de situá-las num universo substancial e causal, num espaço organizado etc. e, por conseqüência, construí-las intelectualmente. O significado de uma percepção, isto é, o próprio objeto, é, portanto, um ser essencialmente intelectual: ninguém “viu” jamais uma montanha, nem mesmo um tinteiro, de todos os lados ao mesmo tempo,

numa visão simultânea de todos os seus diversos aspectos de cima, de baixo, de leste e de oeste, de dentro e de fora etc.; para perceber essas realidades individuais como objetos reais é preciso, necessariamente complementar o que se vê com o que se sabe (Piaget, 1975, p. 184).

[...] todo e qualquer objeto concreto é o produto de elaborações geométricas, cinemáticas, causais, etc. [...] (Piaget, 1975, p. 184).

Em termos da minha busca por formas gerais de modelos que permitiriam explicar o comportamento humano, isso implicava que uma boa explicação do ser humano e da Vida deveria: (1) permitir as diversas concepções da Vida que nós construímos; (2) explicar a relação entre essas concepções e a ação; e (3) explicar assim o complexo sistema de comportamento de seres.

Uma outra questão epistemológica tão importante quanto a dos fatos-teórico-carregados, aprendida nas aulas e discussões com o mestre Gilles-Gaston Granger (que na época viera à USP dar uma disciplina de pós-graduação), questão que se impunha também nessa busca de compreensão do ser humano, era que todo modelo do comportamento humano tem uma estrutura que não contém nela própria toda a riqueza da Vida ou das diversas concepções a respeito da Vida (que movem seres humanos). Ou seja, parecia não caber em modelos o sentido do termo “Vida” (em relação à definição adotada aqui, não cabe nos modelos a plenitude das relações entre todo e qualquer elemento que possa ser considerado). E nossa pesquisa de doutorado viria a confirmar tais suspeitas.

Mas a partir daí surgia então a questão:

O que é a Vida?

Será possível responder a essa questão? (Principalmente considerando-a como a plenitude das relações entre todo e qualquer elemento que possa ser considerado.)

Seria possível um conhecimento completo da Vida?

Essa questão nos leva a próxima seção.

*Será possível um conhecimento completo da Vida? A Vida como Conhecimento.*

A questão que intitula e introduz essa seção pode ser entendida de, pelo menos, duas formas:

(1) Se eu, você ou um grupo qualquer de pessoas, podemos conhecer completamente a Vida; o que certamente não é o caso; e

(2) Se é possível, **em princípio**, um conhecimento completo da Vida.

Neste último caso, adota-se uma concepção objetiva de conhecimento, que não se reduz ao conhecimento humano, segundo a qual, por exemplo, não haveria evento sem causa (sem porquê, puro acaso), ou seja, para tudo existiria uma causa e o que chamamos de “acaso” expressa apenas nossa ignorância.

Certamente, não é possível decidir experimentalmente essa questão. Ela é anterior a qualquer experiência e a adotamos, ou não, em vista de nos ajudar a entender os fatos. Ela é o que se chama de **uma questão de princípio**.

Pensando, pois, nas possibilidades de interpretação teóricas, podemos aceitar, ou não, que é possível, **em princípio**, um conhecimento completo da Vida.

Penso que ao assumirmos não ser possível um conhecimento completo da Vida, ou que nem todo evento tem uma causa, corremos o sério risco filosófico de pararmos de buscar a causa de algo porque julgamos não ter ele uma causa, quando ele a tem; ou seja, o risco de estagnar e de viver simplesmente realimentando concepções pré-estabelecidas que não correspondem a como as coisas são.

Ora, mas, estagnar é parar; e na Vida nós não paramos!

Resta então aos que querem sempre continuar sua pesquisa sobre a Vida (e seu Sentido) não se limitar por princípio. Se não é possível demonstrar o princípio de que existe um conhecimento completo da Vida, também não é possível refutá-lo, e com isso ganhamos novamente, por

assim dizer, nossa licença para assumir a existência desse conhecimento e continuar a buscá-lo, cada vez mais.

Mas assumir, **em princípio**, que existe um conhecimento completo da Vida tem, a meu ver, uma séria implicação: a de que a Vida pode ser vista como Conhecimento!

Sim, pois se existe um conhecimento completo da Vida, a Vida é a expressão desse Conhecimento! Mais ainda, para nós, enquanto seres para os quais a Vida é o que conhecemos dela, não há diferença entre Vida e Conhecimento. A oposição entre Vida e Conhecimento seria ilusória.

Segundo essa interpretação, há um equívoco na distinção cartesiana entre **coisa extensa** e **coisa pensante**: a coisa extensa é parte da coisa pensante, ou seja, a extensão é parte do Conhecimento, pois se assim não o fosse, a extensão nunca poderia ter sido pensada.

Temos, portanto, uma metafísica da subjetividade (em que está contida a objetividade), oposta àquela metafísica inicial da materialidade ou naturalista.

Essa concepção explica, em retorno, o porquê das duas questões epistemológicas encontradas anteriormente: a dos fatos-teóricos-carregados, e a da impossibilidade de captar o sentido geral da Vida em modelos.

Quanto aos fatos teórico-carregados, os vários sentidos atribuídos aos fatos por uma pessoa (na segunda aceção de “sentido”, isto é, a relação que o fato tem com outras coisas e consigo mesmo), depende de quantas coisas são consideradas por essa pessoa, ou seja, depende do próprio sentido da Vida para essa pessoa (na segunda aceção do termo “sentido”).

Quanto à questão da impossibilidade de captar o sentido da Vida por modelos (como a plenitude das relações entre todo e qualquer elemento que possa ser considerado), isso se dá porque a Vida se apresenta como um Conhecimento com infinitas causas, com infinitas razões (nunca cessaremos de descobri-las!).

Assim, àquela minha antiga metafísica (parcial) que supunha, com Nietzsche (1974, p. 282) que “[...] pensar é apenas uma proporção desses impulsos [de apetites e paixões] entre si [...]” e que (1974, p. 283) “[...] se

teria adquirido o direito de determinar *toda* a força eficiente univocamente como: *vontade de potência*”, caiu por terra e se tratava, pois, de reinterpretar o Sentido da Vida, encontrado anteriormente, em vista dessa nova metafísica; o que nos leva a seção seguinte.

### *O Sentido da Vida.*

Vimos, na seção anterior, a consideração de que a Vida é Conhecimento.

Vimos também que, anteriormente, a resposta encontrada à questão sobre o Sentido da Vida era que: o Sentido da Vida é Viver, e a participação da Vida, a própria participação nela, regula o sentido das coisas, em geral, e da própria Vida, em especial.

Ora, se a Vida é Conhecimento e o Sentido da Vida é Viver, logo, o Sentido da Vida como Conhecimento só pode ser Conhecer.

E bem entendido, trata-se de um Conhecer concreto da própria Vida. Logo, quando nós aprendemos uma nova ação, mesmo antes de adquirirmos o pensar abstrato, como, por exemplo, com um mês de idade, estamos conhecendo; quando um ser vivo em geral se modifica para melhor se adaptar a seu meio, trata-se de um conhecimento novo que ele adquire. Mais do que buscar sua própria sobrevivência (ou da espécie), o sentido da Vida é a ampliação da parte do Conhecimento que aquele ser possui. O mero acaso e a Seleção Natural (apesar de que esta também faz parte do processo Vida), não conseguem explicar em sua plenitude o processo Vida que vai muito além disso e está inscrito no interior da própria Vida como Conhecimento.

Para aqueles que cultivam um desejo de equiparação dos homens com os animais, essa não é uma visão muito promissora, pois somente o homem (daquilo que sabemos hoje, mas isso pode vir a mudar um dia) tem a capacidade de se tornar consciente da Vida como Conhecimento, o que, apesar de nos reservar um lugar especial na ordem do mundo, não nos dá direito de sermos déspotas esclarecidos e nem transformar os animais

em meras coisas: devemos considerar que eles têm Vida e sensibilidade (aliás, sou vegetariano!).

Segundo a visão aqui esboçada, o Conhecimento da Vida se torna a Vida do Conhecimento. Tudo é Conhecimento e vivemos nesse “mar” de Conhecimento.

E se o Sentido da Vida é Conhecer imanentemente a própria Vida, ele só pode ter seu sentido mais alto no ato de Contemplação imanente.

Nessa concepção, a Contemplação imanente é participação do Conhecimento, pois como Conhecimento ele não é apenas por si, como considerado anteriormente aqui, mas também é para si: o Conhecimento é por si e para si próprio; e seu ser por si é seu ser para si e seu ser para si é o seu ser por si.

As considerações feitas aqui foram profundamente influenciadas pela leitura e estudo da Filosofia Especulativa de Hegel. Em especial, as considerações a respeito da Vida da seção anterior foram suscitadas, na época ainda do mestrado, pela leitura da *Introdução da História da Filosofia* de Hegel, autor cujo pensamento me cativou (e me levou ao seu estudo de forma sistemática) desde sua descoberta, em 1993.

Hegel designa pelo termo “Espírito” a Verdade que se sabe e, assim, podemos aqui concluir com ele que:

*O Absoluto é Espírito; eis a mais alta definição do Absoluto. – Encontrar esta definição e compreender o seu sentido e conteúdo foi, pode dizer-se, a tendência absoluta de toda a cultura e filosofia; a este ponto se arrojou toda a religião e toda a ciência; unicamente a partir deste impulso se deve compreender a História do Mundo (Hegel, 1992, p. 11).*

Considerando que segundo a visão aqui esboçada somos Vida, somos Conhecimento, podemos concluir que o imperativo inscrito no pórtico do oráculo em Delfos, que inspirou Sócrates, “**Conhece-te a ti mesmo!**”, é o imperativo da própria Vida.

## *Referências*

SPINOZA, B. *Ética. Demonstrada à Maneira dos Geômetras*. São Paulo: Abril Cultural, 1983 (Coleção *Os Pensadores*).

HEGEL, G. F. W. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Epítome*. V. 3. Filosofia do Espírito. Lisboa: Edições 70, 1992.

NIETZSCHE, F. *Obras Incompletas*. São Paulo, 1974. (Coleção *Os Pensadores*).

PIAGET, J. *O Nascimento da Inteligência na Criança*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.